

Recensões

Breves pensamentos em torno
dos *Mirabilia Aqvarvm*

Maria Teresa Caetano

Alexandra Barradas:
Ourém e Porto de Mós. A Obra mecénática
de D. Afonso, 4º Conde de Ourém.

Joana Ramôa

BREVES PENSAMENTOS EM TORNO DOS *MIRABILIA AQVARVM* ¹

*De todos os cantos do mundo
Amo com um amor mais forte e mais profundo
Aquele praia extasiada e nua,
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.
Cheiro a terra as árvores e o vento
Que a Primavera enche de perfumes
Mas neles só quero e só procuro
A selvagem exalação das ondas
Subindo para os astros como um grito puro*².

A Arte, independentemente da época em que foi criada é – e será sempre – *contemporânea*, desde que, mesmo desprovida da razão primeva que conduziu ao acto gerador, o objecto artístico desperte sentimento ou emoção no observador. Por isso, a História da Arte, enquanto disciplina fruto da razão e da análise concreta (ainda que, por vezes, tal objectividade permaneça encoberta pelo diáfano manto do tempo), está permanentemente em (re)construção. Nesta perspectiva, a substância imbuída do fundamento poderá – ou melhor, deverá – ser entendida e registada sob múltiplos pontos de vista.

Métodos que não só contribuirão para a preservação do objecto sensorial, mas, sobretudo, porque os distintos raciocínios possíveis de efectuar, como as devidas correlações com outras áreas do saber, dinamizam a História da Arte e potenciam o seu crescimento como ciência operativa. Por conseguinte, ao historiador da arte compete ler a obra artística, interpretá-la e devolver-lhe (na medida do possível) o sentido original, não só do ponto de vista estético e funcional, mas também do seu enquadramento histórico, tal-qualmente afirma a autora de *Mirabilia Aquarum*, pois encontra, também nos *opera musiua*, em:

«conjunto com a língua latina e outras expressões artísticas (...) um dos principais veículos de propagação do Império Romano, funcionando como espelho do requinte da sua civilização»³.

Talvez por isso, decerto entre outras razões, a História da Arte tem vindo a enveredar na procura de novos caminhos, de forma cada vez menos casuística e mais segura de si própria. Por isso, enveredou também, para além do recurso às novas tecnologias, pela releitura das fontes secundárias, procurando, assim, encontrar uma reaproximação à obra de arte. Terá sido neste contexto que Cátia Mourão, ao ter tido a percepção de



CAPA DO LIVRO *MIRABILIA AQVARVM* –
– MOTIVOS AQUÁTICOS EM MOSAICOS
DA ANTIGUIDADE NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS.

1. Mourão, Cátia (2008) – *MIRABILIA AQVARVM. Motivos aquáticos em mosaicos da Antiguidade no território Português*. Lisboa: EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres, S.A.

2. Andresen, Sophia de Melo Breyner (1991) – «Mar» in *Obra Poética*, vol. I. Lisboa: Editorial Caminho, 18.

3. Mourão 2008, 23.

4. Mourão 2008, 8-9. Vide ainda as notas 1, 2 e 3.

5. Maciel, Justino (1996) – *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri, 82.

6. Vide, por exemplo, Blázquez, José Maria (2002) – «Cultos e devoções de cariz aquático no Ocidente em contextos paleohispânicos», in *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa (catálogo)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 21-24; Fernandes, Luís da Silva (2002) – «As Virtutes. Seu culto e representação no âmbito da Província da Lusitânia», in *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa (catálogo)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 165-174.

7. Vide os exemplos de Maciel, M. Justino (1993-94) – «A propósito das chamadas “Conservas de Água da Rua da Prata”», in *Conimbriga*, vol. XXXII-XXXIII. Coimbra: Universidade de Coimbra, 145-156; *Idem* (1994), «Lisboa romana», in *Olisipo (Número especial Comunicações ao Simpósio Lisboa em Discussão)*, II série, n.º 1. Lisboa: Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, 33-42; Ribeiro, José, (1982-83) – «Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. Iulius Maelo Caudicus» in *Sintria*, I-II (1). Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia, 151-476; Étienne, Robert (1974) – *Le Culte Imperial dans la Péninsule Ibérique d’Auguste a Dioclétien*. Paris: Editions E. de Boccard; *Idem* (2002) – «Novidades sobre o Culto Imperial na Lusitânia», in *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa (catálogo)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 97-104.

8. Mourão 2008, 21.

quão importantes são as *novas* didáticas, as adianta como basilares no entendimento do objecto artístico, como, aliás bem expressa no prefácio da obra em apreço:

«A sensibilidade e consciência de historiadores de arte como Adriano de Gusmão, Luís Moura Sobral e, especialmente Vítor Serrão, contemplaram pontualmente, no caso dos dois primeiros, ou deram particular atenção, no caso do último, à problemática em causa, lançando novas pistas para a construção de uma Cripto-História da Arte que se pode revelar de grande utilidade numa tentativa de preenchimento de lacunas provocadas pela ausência de peças, das quais dificilmente poderemos vir a saber qual a importância que teriam assumido na altura da sua produção ou da chave que poderiam fornecer para o entendimento cultural da época. Porém, casos como o do fragmento de mosaico de Quintos alertam-nos para a necessária prudência ao lidar com fontes de carácter secundário (registos como o desenho deixado por Leite de Vasconcelos), que por vezes transmitem informações imprecisas ou mesmo incorrectas sobre as obras a que se referem»⁴.

Ao contemplar-se nesta *perspectiva global*, à qual se deverá aduzir o facto de a autora de *Mirabilia Aquarum* não ter olvidado no seu catálogo a obra de arte fragmentária (desde que a sua inclusão traga uma mais-valia que o justifique), designadamente na perspectiva da *Micro-História da Arte* – de molde a atingir-se o nível de *síntese* desejado –, contribui para o aprofundamento do universo estético que caracterizou a *ars* antiga e que evoluiu e se renovou ao sabor das circunstâncias conjunturais e/ou estruturais.

Nesta perspectiva, Cátia Mourão, discorre acerca da importância da água no quotidiano do Mundo Antigo, desde a gorgolejante fonte que sacia a sede, passando pelas águas que alimentam os *balnea* e sustentam a poderosa indústria do *garum*, até às nascentes de águas lustrais, pois, como Justino Maciel bem referiu, «os *mirabilia aquarum* eram um tema caro aos romanos, sobretudo no contexto da cidade e, nessa medida, seria impensável imaginar-se, sequer, a planificação de uma cidade, onde a água não jorrasse abundantemente»⁵.

Foi pena que, no capítulo dedicado à *água como pilar civilizacional do Império Romano*, a autora tivesse optado por se espraiair somente por concepções de génese filosófica, sem intentar uma aproximação factológica às especificidades históricas do território que se propôs estudar. E que, por isso, tivesse olvidado, não só as devoções aquáticas paleohispânicas no ocidente peninsular⁶, mas também a relação primordial que terá existido entre a água e o culto imperial⁷, valorizando através da análise desses fenómenos o seu estudo. Todavia, parece ter plena consciência destes limites, decerto auto-impostos, porquanto, no final deste capítulo, deixa claramente, em aberto, a possibilidade de se explorarem outros trilhos:

«O imaginário romano sobre a água, comprometido entre a mitologia e a pré-ciência, corporalizou-se, foi divulgado e galvanizado por todo o Império através da poesia, da literatura épica, da numismática, da cerâmica gravada ou pintada, da arquitectura, da escultura, da pintura e do mosaico»⁸.

Adepta de uma História da Arte “musculada”, Cátia Mourão embrenhou-se profunda e meticulosamente na análise dos vinte e um mosaicos de temática marítima e/ou

fluvial que constituem o catálogo «Motivos aquáticos em mosaicos da Antiguidade no território português». Elenco que a autora divide em *Mosaicos Romanos do Alto Império* e *Mosaicos Romanos do Baixo-Império*, abrangendo, por isso, parte das antigas províncias romanas da *Lusitania* e da *Gallecia*.

Apresenta, não só pormenorizado estudo acerca dos pavimentos e/ou revestimentos parietais, estes sobretudo em tanques ou piscinas, contemplando vários itens, os quais, para além da descrição minuciosa sob o ponto de vista da iconografia (atendendo, com minúcia, ao desenho subjacente e à paleta cromática), procuram ser exaustivas na *interpretatio* dos motivos figurados, mesmo daqueles que se apresentam incompletos ou de morfologia duvidosa. Para além do já referido detalhe descritivo, a autora completa o seu catálogo com uma vasta série de outras cláusulas que complementam de modo eficaz o presente estudo. Estas afiguram-se, aliás, fundamentais para quem se interessa por estas “coisas da Antiguidade”, como sejam, a *Datação*, *Localização*, *Dimensões*, *Materiais*, *Cromatismo*, *Esquema compositivo*, *Descrição* e *Análise do conjunto*, *Referentes*, *Estado de conservação* e *Bibliografia*.

Como a própria autora refere algures, este não é, de modo algum, um trabalho acabado, mas, tão-somente o início de uma ordenação metódica de tal matéria. Aqui aportados, relembramos, uma vez mais, que o edifício teórico da História da Arte está em permanente renovação – e, por isso, decerto, enfermará de algumas lacunas por se tratar de um trabalho pioneiro. Estas falhas apenas poderão ser colmatadas com a continuação do estudo e aprofundamento desta matéria. Mas, por outro lado, ser-lhe-á inegável o carácter pioneiro e, nesse sentido, por mais que se renovem as leituras e se acrescentem outros elementos, há, porém, uma certeza: o carácter primevo deste *corpus*, pelo qual será sempre uma referência incontornável, no âmbito da História da Arte da Antiguidade e da Antiguidade Tardia.

Por tudo isso, *Mirabilia Aquarum* é, sem dúvida, um livro fascinante, pois revela-nos muito acerca do conhecimento que na Antiguidade existia acerca da morfologia dos habitantes e dos *pseudo-habitantes* das águas – e aqui chegados não podemos omitir, decerto entre outros estudos, a *História dos Animais*, de Aristóteles⁹, ou o *De Re Coquinaria*, de Apício ou, ainda, os desenhos de animais marinhos que se conservam no *papiro de Artemidoro*¹⁰ –, seja em rios, seja no *mare nostrum* ou, para além das colunas de Hércules, num oceano imenso que corria ao longo da fachada ocidental do Império, a *finisterra* do Mundo Antigo.

Para finalizar, não podemos olvidar dois aspectos: primeiro, a apresentação gráfica irrepreensível do livro, contemporânea e arejada, texto profusa e qualitativamente ilustrado; segundo, o exemplo do mecenato da EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres, S.A., pelo interesse e empenho que demonstrou na publicação de uma obra de inequívoco cariz científico, demonstrando, assim, uma notável apetência para a divulgação cultural. ●

Maria Teresa Caetano

Doutoranda em História da Arte da Antiguidade

9. Infelizmente, neste trabalho, ressalta a ausência do laborioso trabalho aristotélico, na sua monumental obra: a *História dos Animais* [(2006) tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva, 2 vols. Edição CFUL/IN-CM: Lisboa], em cuja «Introdução», nota 3, se refere a razão pelo qual este tratado de zoologia ficou conhecido: «Importa, a este propósito, salientar que o título original – *Ton peri ta zoa historion* – melhor equivaleria a uma tradução de *Investigação sobre os Animais* do que àquele que o consagrou de *História dos Animais*, que disfarça a referência fundamental a um processo de pesquisa que lhe está subjacente» (Carlos Almaça). Obra que – acreditamos – apesar do seu cariz pré-científico, decerto poderia esclarecer alguns aspectos menos claros que, por vezes, pontuam no presente *corpus*.

10. Em relação a este papiro – recentemente dado à estampa – parece-nos oportuna que se efectue uma leitura do mesmo, na qual perpassasse uma atenta observação dos animais marinhos ali desenhados [Almoguera Sánchez, José Manuel (2008) – «Documentación Catastral en Roma», in *Arte Arqueología e Historia*. Cordoba: Asociación “Arte, Arqueología e Historia”, n.º 15, 207-220]], mais não seja, como um complemento visual ao *corpus* que analisámos, ainda que sumariamente.